



Família Dehoniana

#03
Mai2016

Órgão informativo e de contato da Família Dehoniana em Portugal

Carta do Coordenador Nacional



O mês de Maio leva a toda a Família Dehoniana mais um número da newsletter. Desta vez, o “prato forte” é a carta do P. Heiner Wilmer, Superior Geral dos SCJ, dirigida à Congregação e aos membros da Família Dehoniana. A quarta obra de misericórdia corporal “Dar pousada aos peregrinos” oferece o tema para a missiva que chama a nossa atenção para os migrantes em geral e, de modo muito concreto, para aqueles que procuram melhores condições de vida na Europa ou fogem de guerras e perseguições nos seus países. “As migrações são um sinal do nosso tempo” ao qual queremos dar “uma resposta que venha do nosso interior e da atitude de Jesus”, sublinha o Superior Geral. Tudo parte do interesse pelos outros. E não basta falar. É preciso agir. Neste capítulo, o P. Heiner dá importantes indicações operacionais aos membros da Congregação, mas que são válidas para toda a Família Dehoniana. Como filhos do Padre Dehon, não podemos ignorar nem “enterrar os talentos”.

Alegremo-nos com o Encontro Nacional da Juventude Dehoniana e com o Encontro dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon. Esperamos notícias de outras componentes da Família.

Lembramos a todos a Festa do Sagrado Coração de Jesus, a 3 de Junho, e a Peregrinação Dehoniana a Fátima no dia 5 de Junho. Na véspera, 4 de Junho, há a peregrinação em bicicleta organizada pela AAA-SMPD.

Viva o Coração de Jesus! Pelo Coração de Maria!

Coimbra, 10 de maio de 2016

Pe. Fernando Fonseca, SCJ
Coordenador Nacional

NAVEGAR

- Carta do Coordenador Nacional
- Carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus
- XVIII Encontro Nacional da Juventude Dehoniana
- Encontro dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon
- O Padre Dehon e o Matrimónio

Carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus

Prot. N. P0344/2015

Roma, 1 de maio de 2016

DAR POUSADA AOS PEREGRINOS

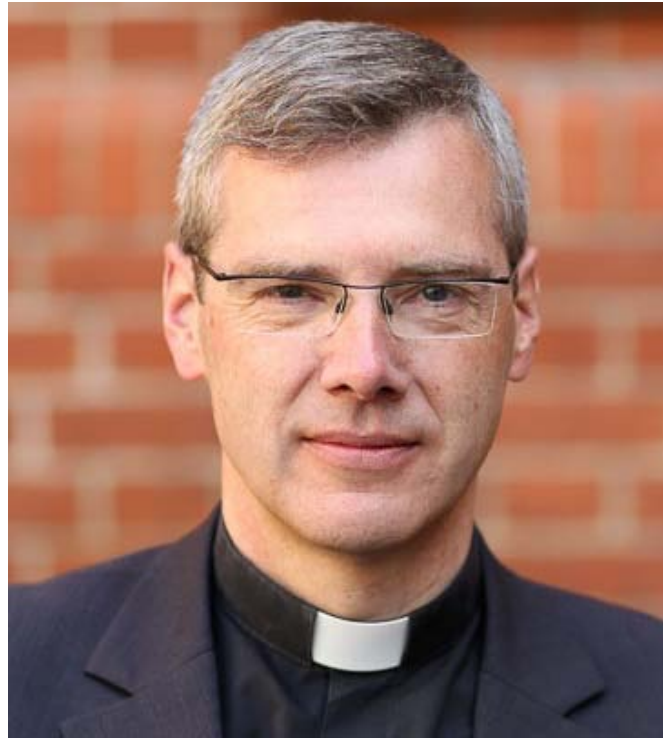
A todos os dehonianos

A todos os membros da Família Dehoniana

O ENCONTRO COM O ESTRANGEIRO

No caminho do regresso de Koodal para Aluva, pequena cidade do sul da Índia, paramos à beira da estrada num pequeno café do lugar. A imagem que nos dá esta povoação é tudo menos tranquila: muita animação na estrada, altifalantes, bandeirinhas, cantores, bailarinos, partidos que mostram os seus símbolos. Obviamente estão numa manifestação eleitoral. Há barulho. Depois de uma longa viagem de carro estamos cansados, com fome e sede. Num café bastante tranquilo, o P. Thomas Vinod, superior do distrito, pede para cada um de nós uma Pepsi Cola e um cutlet, um croquete de verduras, farinha e especiarias (relativamente) picantes – um petisco apreciado no Kerala.

Um homem senta-se à mesa junto a mim, um indiano idoso, e pede o mesmo que nós, substituindo apenas a Pepsi por um chá. Quando acaba de comer, olha-me de soslaio, da cabeça aos pés, e diz-me: Jogas basquete? – Não, de modo nenhum, respondo; no basquete sou um aselha. Depois falamos do desporto na Índia e na Alemanha. Mais tarde quando nós dehonianos – o P. Thomas Vinod, o P. Steve Huffstetter, o P. Lenin James e eu – deixamos o local e vamos para o carro, o vizinho de mesa volta ao meu encontro, apontando a pequena cruz dehoniana de madeira que eu uso, e pergunta: Que é isso? – É uma pequena cruz de madeira, respondo. – Magnífico, diz ele, também acreditas na energia mágica!



Quem viaja tem de contar com surpresas. Algumas deixam-nos sem palavras. Viajar muda as pessoas. O contato com uma cultura estrangeira, o encontro com estranhos, a reflexão sobre as ideias dos outros mudam-nos. Tornam-nos diferentes. Transformam-nos. E sem transformação não há vida!

AS MIGRAÇÕES, SINAL DO NOSSO TEMPO

Muitos encontros geram vida nova. No nosso tempo esta possibilidade amplia-se porque jamais ao longo da história viajaram tantas pessoas, à procura da vida, como nos começos do século XXI. Em finais do século XIX, o P. Leão Dehon sentiu-se desafiado pela revolução industrial. Com a sua Congregação quis dar uma resposta aos problemas e necessidades, mas também às oportunidades e possibilidades da revolução industrial para as pessoas. Encontrou na devoção ao Coração de Jesus o fundamento para a sua resposta e a ancoragem profunda para a sua ação. Queria viver e agir como Jesus.

O Padre Dehon abriu os seus sentidos, de modo a poder sentir o palpitar do Coração de Jesus, para fazer desse palpitar de Jesus o seu próprio pal-

pitir, e fazer dos olhos de Jesus os seus próprios olhos. Quis responder de modo a poder assumir os pensamentos de Jesus e agir como Ele, com paixão. Aquilo que para o para Padre Dehon, em finais do século XIX, significou a revolução industrial, significam para nós, nos começos do século XXI, as migrações. Como dehonianos vemos nas migrações o maior desafio do nosso tempo.

Atualmente na África, Ásia, América e na Europa dezenas de milhões de pessoas deixam as suas casas. Movem-se dos campos para as grandes cidades, de um país para outro, de um continente para outro. Porquê? Porque estão com problemas económicos, como outrora Abraão, quando emigrou para o Egito “para aí viver” (Gn 12,10), porque se abatera uma carestia sobre Canaã. Outros abandonam o próprio país, não por causas de calamidades naturais, mas porque são perseguidos por gangues e por guerras. Outros fogem porque caíram na miséria devido à exploração e a estruturas injustas. Em fidelidade dinâmica ao nosso Fundador, queremos dar às consequências das migrações sobre as pessoas uma resposta que venha do nosso interior e da atitude de Jesus.

OS DEHONIANOS E AS MIGRAÇÕES

Como sabeis, queridos irmãos, nos próximos anos a nossa Congregação quer dar especial atenção à misericórdia de Deus. Na misericórdia de Deus vemos o sinal central do seu amor pelos homens. “O nome de Deus é misericórdia”, este título acerta em cheio na experiência e nas convicções do Papa Francisco.¹ Nas cartas que vos dirigimos, deixamo-nos guiar pelas sete obras de misericórdia espirituais e corporais. Na carta por ocasião do aniversário natalício do Padre Dehon, 14 de Março de 2016, entre as obras de misericórdia espirituais, centramos a nossa atenção sobre: “Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”. Em conexão com esta tarefa, convidamo-vos, agora, a refletir sobre a obra de misericórdia corporal: “Dar pousada aos peregrinos”. Que significa para nós acolher os peregrinos? Que significa para nós dehonianos acolher os estrangeiros e sem teto?

¹ Papa Francesco, *Il nome di Dio è Misericordia. Una conversazione con Andrea Tornielli*, Milano 2016.

A nossa primeira visita levou-nos à Índia. Na paróquia dos nossos confrades, em Mumbai, encontramos pessoas provenientes das migrações. Nenhuma delas tinha nascido naquela zona periférica de uma cidade com 25 milhões de habitantes. Todas – como Abraão – vieram, por razões económicas, de outros estados indianos com as suas famílias e os seus escassos haveres para Mumbai, à procura de melhor sorte, para alcançar para si e para os seus filhos uma vida melhor. Mas tudo isto não é nada fácil. Quando a 31 de Janeiro, depois da missa dominical na paróquia da Divina Misericórdia em Vasai, zona norte de Mumbai, fomos convidados a falar com homens e mulheres comprometidos na comunidade, tivemos de constatar, com surpresa nossa, que nenhum dos trinta participantes tinha nascido ali. Todos provinham de vários estados da Índia e falam diversas línguas:

Os migrantes do Kerala falam malayalam
Os migrantes do Tamilnadu falam tamil
Os migrantes do Andhra Pradesh falam telugu
Os migrantes do Maharashtra falam marathi ou hindi
Os migrantes do Goa falam konkani ou inglês
Os migrantes do Uttar Pradesh falam hindi
Os migrantes do Jharkhand falam hindi e dialetos
Os migrantes do Odisha falam odia
Os migrantes do Karnataka falam kannada

Só as pessoas instruídas falam um bom inglês, não as pessoas simples chegadas a Mumbai, que incluem ainda muitos analfabetos. Nesta realidade, como em tantas outras do mundo, permanece em aberto o desafio de construir relações francas capazes de se apoiarem reciprocamente. É preciso oferecer ajuda a famílias desestruturadas, e recompor relações desfeitas. É preciso garantir formação para todos aqueles que sofrem carências físicas, psicológicas e espirituais.

À PARTIDA ESTÁ O INTERESSE PELO OUTRO

Lendo a realidade de muitas zonas em que atuamos surgem espontaneamente algumas perguntas. Que respostas podemos dar como Sacerdotes do Coração de Jesus às necessidades que nascem das migrações? Como podemos concretizar,

hoje, a atitude interior de Jesus, o seu olhar, o seu ouvir, o seu contactar, o seu pensamento, as suas palavras e o seu agir? A narrativa dos discípulos que a caminho de Emaús encontram o Senhor ressuscitado espelha muito bem e concretamente o que significa, por um lado, ser apátrida e, por outro, dar pousada aos peregrinos.

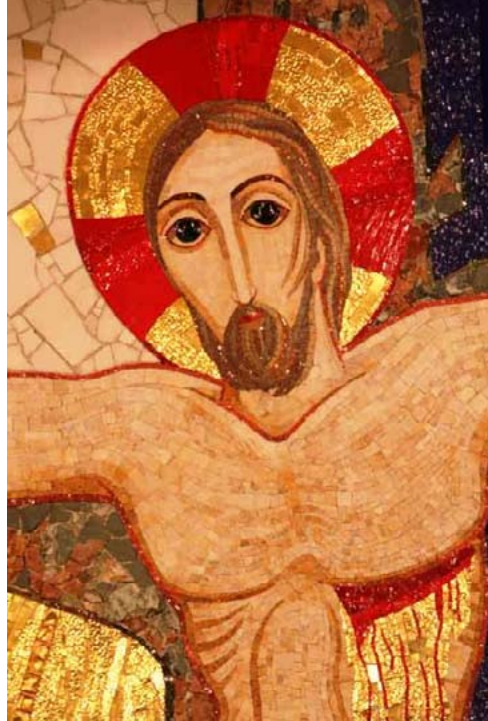
Depois de um longo caminho, os discípulos de Emaús estão cansados, com fome e sede. Jesus, a caminho com eles, toma a iniciativa e pergunta: Que é que vos atormenta? Que é que vos preocupa? Que palavras são essas que trocáis entre vós? O Senhor, desconhecido peregrino, mostra interesse pelos outros, interrogando-os sobre a sua vida. Escuta-os, cheio de curiosidade. Eles narram a história da cruz. Este interesse pela existência do outro, a pergunta sobre a situação dele, é um pressuposto para todo o verdadeiro encontro, para toda a relação humana e para toda a comunidade. Também para a nossa Congregação e para as nossas comunidades, à partida deve haver interesse pelo outro.

Só depois, amigos que tem alguma coisa a dizer uns aos outros e se compreendem bem – ou estranhos que querem compreender a si mesmos –, se sentam à mesa, e comem juntos. Cuidar da comunhão à mesa permanece, ainda hoje, o sinal mais visível da comunidade. Sem comunhão à mesa, os Sacerdotes do Coração de Jesus perdem-se. Sem a fração do pão no altar, por um lado, e, por outro, sem a refeição em comum de arroz, mandioca, massa, cutlet e batatas, não há autêntica vida religiosa dehoniana, nem efetiva hospitalidade e acolhimento de peregrinos e estrangeiros. Só à mesa comum o estranho se torna amigo. Também isto é sabedoria de Emaús. Sentar-se à mesa juntos, comer e beber juntos e falar uns aos outros a partir da vida, cria proximidade e confiança. Depois, tudo se transforma em descoberta e corrida. Alegria por um encontro capaz de abrir às novidades da história.

FALAR NÃO CHEGA

– ATUAR COMO COMUNIDADE

Perante a emergência histórica dos refugiados o nosso Santo Padre Francisco exortou as comunidades religiosas a acolher os migrantes nos seus



mosteiros e estruturas. Não chegam os discursos. Não basta falar. Trata-se de dar aos refugiados, deslocados e apátridas alojamento: espaço partilhado, tempo partilhado. Seguir esta ideia não é nada de novo na nossa Congregação. Pelo contrário: faz parte da nossa história de fundação. Leão Dehon ocupa-se, e não só nos seus escritos, da questão dos emigrantes europeus que partem, em finais do século XIX, para o “Novo Mundo”, para o Canadá, para os Estados Unidos, para o Brasil, para a Argentina e também para a Austrália². Em 1913, o padre Dehon escreve que seria bom que os emigrantes europeus fossem acompanhados por missionários. Nos anos precedentes (1889-1899) tinha-se interrogado sobre a criação de um instituto para os emigrantes, em Clairefontaine. Consulta os Escalabrinianos que já têm experiência neste campo e são apoiados pela Santa Sé. Num encontro em Lovaina, em 1899, são avaliadas duas opções para comprometer de modo adequado os confrades holandeses que cresciam rapidamente: “faire une école hollandaise à Sittard ou une maison de secours aux émigrants à Rotterdam”.³

Se todas estas considerações são verdadeiras, o Filho do Homem, quando, no juízo final, vier na sua glória, com todos os seus anjos, sentar-se-á no trono da sua glória e perguntará: “Que fizeste quando eu era estrangeiro e sem teto?” (Mt 25).

² Cf. per es. *Notes Quotidiennes*, NQT 27/38; NQT 25/67; MLA 725; NQT 22/122; *Les Chroniques du Règne*, CHR 1890/34.

³ *Notes Quotidiennes*, NQT 15/3. Agradecemos ao Padre Juan José Arnaiz Ecker do Centro Studi Dehoniani o seu contributo *La Migrazione in Padre Dehon*, publicado a 1.04.2016 em www.dehon.it. Na história da receção, este é o primeiro estudo sobre as migrações n avida e na obra de Leão Dehon.

Que lhe direi, então? Que lhe diremos como comunidade que pretende escutar o ritmo do seu coração? Cada confrade tem de responder, mas também cada comunidade deve dar a sua resposta. Como Governo Geral propomos:

Cada província (e cada região e distrito) tenha, pelo menos, um projeto em que os confrades se ocupem de modo particular com os migrantes. As nossas casas estejam abertas: os confrades tenham tempo para acompanhar as pessoas no seu caminho de vida, para escutar - independentemente da classe social a que pertencem, da casta ou da tribo. Julgamos importante que cada confrade sinta na própria pele ser estrangeiro, que cada um faça a experiência de ser estrangeiro entre os estrangeiros. Entre outras coisas, a este propósito, julgamos importante que cada um aprenda uma língua diferente, depois de um prévio discernimento com o superior da entidade, viva pelo menos um ano num país estrangeiro, com uma língua estrangeira, e se comprometa num projeto social. Para melhor comunicação entre os dehonianos em todo o mundo, para permitir comunicar entre nós, decidimos que o inglês seja a língua comum.

RESPONDER DE MANEIRA CRIATIVA

Nas nossas paróquias, escolas, universidades, nos institutos educativos e formativos, nos nossos projetos sociais, naquelas áreas em que temos influência sobre a opinião e sobre o julgamento que fazem as pessoas, como por exemplo nos media e nas publicações, ponhamos o tema das migrações. Estamos convencidos de que todos os confrades podem fazer alguma coisa. Todas as comunidades podem responder de modo criativo. Todas as instituições, todas as obras podem contribuir de modo específico para as exigências e problemas que vêm das migrações. Ao mesmo tempo, em todas as comunidades onde vivemos, em todas as instituições em que trabalhamos, podemos perceber e utilizar em benefício das pessoas as oportunidades e possibilidades positivas que emergem das migrações.

Como filhos do Padre Leão Dehon sentimos que não podemos enterrar os nossos talentos. Portanto, num tempo de grandes deslocamentos de pessoas, provocados pelo fenómeno das migra-

ções, e de transformações culturais, damos grande importância à especialização, à formação permanente. Pelo menos, um terço dos confrades deveria obter uma especialização em teologia, filosofia, doutrina social da Igreja, em economia, direito, matemática, estudos islâmicos, história da arte, música ou outras matérias. O mundo, que se torna cada vez mais complexo, exige de nós um estudo aprofundado, para poder estar à altura de responder articuladamente às perguntas das pessoas. Num contexto caracterizado por muitas religiões, por zonas parcialmente des-cristianizadas ou por uma progressiva secularização em alguns países, devemos estar à altura de responder, certamente com o testemunho da nossa vida e com a luz da nossa razão. Mas também devemos estar à altura de oferecer uma resposta articulada, quando alguém se interessa por nós, apontando a cruz com o coração aberto e dizendo a nós mesmos: Então, também tu acreditas na energia mágica!?

Viver a partir a partir da interioridade e da atitude de Jesus une-nos, tornando-nos verdadeiramente homens, apaixonados e tem um efeito antitotalitário. O ritmo do Coração de Jesus compele-nos a viver com entusiasmo e paixão. E a dar respostas aos desafios de hoje, de modo concreto e comprometido.

Da parte dos confrades do Governo Geral, desejamos a todos os confrades, à família dehoniana, às colaboradoras e colaboradores, os muitos dons do Espírito Santo para a Festa do Sagrado Coração de Jesus!

In Corde Jesu

P. Heinrich Wilmer
Superior Geral e seu Conselho

NAVEGAR

- [Carta do Coordenador Nacional](#)
- [Carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus](#)
- [XVIII Encontro Nacional da Juventude Dehoniana](#)
- [Encontro dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon](#)
- [O Padre Dehon e o Matrimônio](#)

Mensagem final

Nos dias 15, 16 e 17 de Abril realizou-se no Seminário Missionário Padre Dehon (Fânzeres – Porto) o XVIII Encontro Nacional da Juventude Dehoniana. Provenientes da Madeira, Açores, Lisboa e Porto, 136 jovens refletiram o tema do ano “Vive com+paixão”.

No dia 15, os diversos grupos apresentaram-se com suas dinâmicas e atividades, culminando com um intenso momento de oração. No dia 16, durante a manhã, fomos convidados a meditar sobre algumas obras de misericórdia, que nos ajudaram a repensar e reviver os ideais deixados pelo fundador Pe. Dehon. Auxiliados por Américo Lisboa (diretor da pastoral da saúde do Hospital S. João), Pe. José Rosário (dehoniano da Obra ABC), Pe. Alfredo (capelão do Hospital S. João), Edite Almada (associação Crinabel) e Pe. David Matamá (capelão prisional de Custóias), desenvolvemos workshops sobre algumas obras de misericórdia, assim como: dar de beber e comer a quem tem fome; consolar os tristes; visitar os enfermos; ensinar os ignorantes e visitar os presos. Na parte da tarde fizemos um “teocaching” pela cidade Invicta do Porto. Partilhamos, convivemos, refletimos e procuramos dar e ser um testemunho nas ruas, com as pessoas com quem nos cruzávamos. À noite demos asas à nossa imaginação com a noite de talentos. Quisemos como grupo demonstrar que, pela música, pelos gestos e pelas sombras é possível transmitir uma mensagem de esperança e paixão. A festa prolongou-se pela noite dentro onde, nem o cansaço nem a fadiga deixaram cair um pano de felicidade e alegria. No dia 17, em grupos, preparamos a Eucaristia, centro do nosso dia e esponja desta espiritualidade Dehoniana em que mergulhamos, numa cerimónia presidida pelo Pe. José Agostinho, nosso superior provincial, que nos acompanhou este fim de semana. Deste encontro levamos a alegria e a vivência de como juventude caminhar, motivados por Deus, que nos convida a um olhar mais atento aos que nos rodeiam.

No próximo ano voltamo-nos a encontrar, não no Porto, mas em Fátima, inseridos na comemoração dos 100 anos das aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos, com o tema da vocação de Maria na perspetiva Dehoniana, encerrando deste modo o ciclo trienal vocacional seguido pela Juventude Dehoniana. Em breve será divulgada a data do encontro. Fica também em perspetiva que daqui a dois anos o encontro nacional da Juventude Dehoniana será realizado nos Açores, S. Miguel.

Os participantes



NAVEGAR

- Carta do Coordenador Nacional
- Carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus
- XVIII Encontro Nacional da Juventude Dehoniana
- Encontro dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon
- O Padre Dehon e o Matrimónio

Encontro de Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon

O dia 24 de abril foi mais uma data de alegria, de reencontros, de rememoração de vivências por parte dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Pe. Dehon, em Rio Tinto.

Este encontro teve o seu início com o centro da vida de um cristão, tão valorizado pelo carisma dehoniano, a Eucaristia, presidida pela Superior Provincial, o Pe. José Agostinho, também ele um Antigo Aluno. Quanto ao alimento corporal todos já sabíamos que a feijoada do Armindo estaria à nossa espera de forma deliciosa. Este foi o momento da memória, do saudosismo, da amizade trabalharem de forma intensa.

Da parte da tarde houve lugar à reunião da Associação dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Pe. Dehon (AAA SMPD) para o novo biénio. Esta reunião ficou marcada pela aplicação das palavras do Superior Provincial ao lembrar-nos os apelos do Pe. Dehon para a importância de estarmos junto dos que mais necessitam. Dando o exemplo dos Dehonianos,

que estão sem nada, junto daqueles que perderam tudo com o terramoto do Equador. No espírito de comunhão fraterna, de Família Dehoniana, a Associação dos Antigos Alunos decidiu, por unanimidade, entregar à Província Portuguesa uma verba monetária para apoio dos irmãos equatorianos que perderam tudo no sismo.

Terminada a reunião o sol chamava para um resto de tarde recreativa em que cada um podia participar jogando cartas, jogando à malha, jogando futebol ou apoiando. O resultado final foi o de vitória para todos, pois terminamos com um lance de retempero das energias.

Assim, o próximo encontro já está marcado para dia 30 de abril de 2017, em que todos os Antigos Alunos são sempre convidados a participar, juntamente com as suas famílias, nesta grande FAMÍLIA DEHONIANA.

Luís Couto



NAVEGAR

- ◉ Carta do Coordenador Nacional
- ◉ Carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus
- ◉ XVIII Encontro Nacional da Juventude Dehoniana
- ◉ Encontro dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon
- ◉ O Padre Dehon e o Matrimónio

O Padre Dehon e o Matrimónio



Quando da recente promulgação da Exortação apostólica “*Amoris laetitia*” do Papa Francisco, o site da Congregação (www.dehon.it) publicou uma nota intitulada “O Padre Dehon e o matrimónio”. Com a devida vénia, adaptamo-lo para os nossos leitores.

O texto papal sobre “o amor na família” levou-nos a perguntar: “Que pensava o Padre Dehon sobre a Família?” Ainda que não seja o modo mais adequado para uma investigação séria e profunda, experimentamos satisfazer a nossa curiosidade inserindo a palavra francesa “*famille*” no motor de busca do site *dehondocs*. Surgiram imediatamente 2606 recorrências nas Obras Espirituais (336), nas Obras Sociais (400); no Diário (536), nas Memórias (275), nos Livros de viagens (146), nos seus artigos (617), nos seus inéditos (264) e noutros textos (14). Temos, assim, diante de nós um grande conjunto de obras a serem examinadas para descobrirmos o conceito original, o sentido, a importância, o ideal a alcançar, a transcendência pessoal e social da família, etc., no Padre Dehon. Por agora, limitamo-nos a apresentar as homilias (‘*discours de mariage*’ e ‘*allocutions pour un mariage*’) que o Padre Dehon pregou nas celebrações do sacramento do matrimónio. Tomámos em consideração 19 documentos. Estes textos já estão traduzidos para português

pelo Padre Ricardo Freire, e publicados no pequeno caderno intitulado “O Padre Dehon e a Família, Parte I, Sermões de casamentos”.

A leitura destes textos oferece-nos uma perspectiva prática e sintética do Padre Dehon sobre muitos aspetos da sua personalidade e do seu pensamento. Com uma linguagem muito acessível, faz uma síntese da doutrina católica sobre o Matrimónio: Deus que no princípio estabeleceu o Matrimónio, renova-o pela ação do Espírito Santo na Igreja, e por meio de Jesus Cristo tornado amigo, irmão e esposo dos nubentes. Por vezes, o Fundador toma imagens bíblicas para avançar nas suas reflexões, outras para aprofundar o significado da bênção nupcial ou os ritos (atuais ou antigos) da celebração litúrgica; oferece também conselhos práticos aos novos esposos ou toma símbolos como os ciclos das estações ou uma longa viagem.

Encontramos nas suas homilias um esquema mais ou menos regular: 1. Exposição doutrinal sobre o sacramento; 2. O papel do sacerdote; 3. Palavras dirigidas ao esposo; 4. Palavras dirigidas à esposa; 5. Palavras dirigidas a ambos como nova unidade; 6. O valor e a responsabilidade em relação aos filhos; 7. Uma referência aos fundamentos do novo lar: a oração, a santificação



do domingo, o trabalho, a função própria do pároco como guia e conselheiro; 8. Quase nunca falta uma referência de agradecimento e elogio ao trabalho das respetivas famílias dos noivos.

O texto bíblico de referência é o das bodas de Caná (Jo 2), sobre o qual faz exegeses curiosas e, por vezes, sugestões; a nível de conteúdo e realidade, usa a Carta aos Efésios, no capítulo 5. Serve-se também da situação original no paraíso descrita no Génesis, com as grandes imagens bíblicas dos casais. Com frequência refere a história dos Macabeus e a defesa da pureza de uma vida de acordo com a lei de Deus. É aqui que aparece a urgência de um verdadeiro testemunho, de um diferente modo de ser do matrimónio cristão, numa época que precisa de verdade, e de uma motivação eficaz para fazer as coisas. O matrimónio cristão torna-se, em si mesmo, um modo de evangelizar. E, aqui, percebe-se a forte carga “tradicional” do pensamento do Padre Dehon. Tradição no sentido da transmissão das verdades oferecidas no passado

(cujo símbolo é sobretudo o constante valor dado às famílias dos que contraem matrimónio) que garante a continuidade, tanto do ser humano, como da fé e da pátria. Sobre este fundamento, o Padre Dehon oferece-nos o seu pensamento político/social fortemente radicado num conceito de família que, partindo do facto de ser imagem de Deus, reflete uma perspectiva de pátria como “família de famílias”. Assim, tradição da fé, oração, costumes cristãos, trabalho constante, educação dos filhos, são elementos capazes de garantir um futuro para a Igreja e para a França. Finalmente, emergem aqui e ali três grandes valores, promessas ou frutos da união matrimonial cristã:

- **a paz**, na vida e no coração das duas pessoas que se casam, fonte de estabilidade para o presente e força diante das variações (prazer/sufrimento) da vida;

- **o amor**, em primeiro lugar e sempre; são poucas as vezes em que não aparece uma alusão a este valor que o Padre Dehon liga à sua abordagem a Deus, à luz do Coração de Jesus;

- **a confiança**, como armadura que permite olhar o futuro sem medo.

E porquê? Dehon di-lo assertivamente: Deus não se desinteressa com o bem dos seus filhos. É a sua convicção de base, a fé profunda num Deus que é misericórdia, que é Pai, que é vida e fonte de mais vida, que é em si mesmo relação, comunhão íntima, família. O Deus em quem se casam os crentes em Cristo, vida divina de que se tornam reflexo.

NAVEGAR

- ◉ [Carta do Coordenador Nacional](#)
- ◉ [Carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus](#)
- ◉ [XVIII Encontro Nacional da Juventude Dehoniana](#)
- ◉ [Encontro dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon](#)
- ◉ [O Padre Dehon e o Matrimónio](#)